

Estado da comunicação científica e acadêmica

Notas para a aula de 29 de agosto do curso de Comunicação Institucional

Ricardo Whiteman Muniz

“Vários cientistas tiveram um surto de honestidade e usaram o Twitter [hashtag #overlyhonestmethods] para contar detalhes de suas pesquisas que jamais entrariam nos periódicos científicos. O resultado, além de divertido, é revelador. Vimos coisas assim:

‘A incubação durou três dias porque esse é o tempo pelo qual o estudante esqueceu o experimento na geladeira.’

@dr_leigh

‘As amostras foram preparadas por nossos colegas do MIT. Nós assumimos que não havia nenhuma contaminação porque eles são do MIT.’

@paulcoxon

‘Nós não lemos metade das pesquisas que citamos porque estão atrás de um paywall.’

@devillesylvain

Post de Erika Takimoto (física, doutora pela UERJ em Filosofia da Ciência e mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela UFRJ), 16 de janeiro de 2016

“A educação no Brasil não é apenas um capital humano reconhecido e valorizado: também é um valor posicional. A educação no Brasil, principalmente em seu nível superior, que é o que assegura os maiores retornos econômicos, opera mais fortemente como base de distinção social do que como fonte de aprendizado e qualificação. Talvez a sociedade brasileira, e seu sistema de ensino superior, esteja se movendo em direção à reprodução de classes dirigentes tradicionais pela moderna via dos diplomas, transformados em títulos de nobreza.”

**Maria Ligia de Oliveira Barbosa
(UFRJ, Laboratório de Pesquisa sobre Ensino Superior,
em palestra na Unicamp)**

“Outro lado”, os cientistas, pesquisadores, especialistas? Mazelas parecidas

1. Infelizmente, do lado da ciência também há problemas sérios a considerar. A linguista Marie-Claude Roland¹, que se dedicou à prática da escrita e da pesquisa entre cientistas, realizou um pormenorizado levantamento de centenas de artigos científicos, envolvendo mais de mil pesquisadores de vários países. Foram analisados relatórios de avaliação de artigos e de projetos de pesquisa, correções elaboradas por *reviewers*, entrevistas com diretores de revistas científicas e observações durante seminários de redação e comunicação científica. Eis algumas conclusões sobre os defeitos comuns dos artigos científicos:

¹ “Convite aos pesquisadores para uma reflexão sobre suas práticas de pesquisa”, in *Cultura científica: desafios*. org. Carlos Vogt. pp 56-82

1. **abuso** de formas como *may, might* (que literalmente implicam que o pesquisador não sabe nada);
2. avaliadores têm **dificuldade para ler** o artigo;
3. uso do idioma é objeto de críticas pormenorizadas e **violentas**;
4. palavras-chave das revisões mais comuns são “muito **específico**, muito **vago**, jargão, equivocado, confuso, prolixo”;
5. **contexto** e **objetivos** da pesquisa não são apresentados com suficiente clareza;
6. avaliadores **não encontram originalidade** na pesquisa **nem a novidade** dos resultados apresentados;
7. raramente encontra-se o enunciado de uma **controvérsia**, como se os pesquisadores tivessem **perdido o gosto** pela argumentação, pela defesa de um ponto de vista, pelo **confronto de ideias**.

| | | como se escreve | |
|------------------------|---------------------------|--|--|
| | | average sentence is easy to understand | average sentence is hard to understand |
| sobre o que se escreve | subject matter is complex | great writing | typical writing |
| | subject matter is simple | honest writing | probably just bullshit |

A brief guide to scientific writing | SMBC Comics via Shit Academics Say (comunidade do Facebook)

Percebe-se aqui uma semelhança muito grande com as mazelas do jornalismo.

2. A fórmula velocidade + volume + relevância, aplicada à ciência

Mas essa similaridade não se esgota aí. Também há uma pressão por volume e rapidez em busca de uma “audiência” aferida e atestada pela Capes que afeta a carreira do pesquisador – e incomoda cada vez mais a comunidade científica. Recentemente Simon Schwartzman tratou desse mal-estar:

“Dados mostram que os melhores pesquisadores publicam muito e são muito citados, mas podem existir aqueles com muitas publicações desinteressantes, e outros com poucas publicações e trabalhos, mas de grande impacto. A única maneira de lidar com isso é entender que o dado estatístico, o indicador, é apenas um dado, que precisa ser interpretado caso a caso pelos pares. Quando pesquisadores ou departamentos de pesquisa são avaliados exclusivamente por seus indicadores, muitas vezes por pessoas ou instituições que nem sequer entendem do conteúdo dos trabalhos, a chance de erros é muito grande. O segundo problema, bastante geral nas avaliações, é quando o indicador passa a ser mais importante do que aquilo que ele deveria indicar. Se o que importa é o número de publicações e citações, e não o que está sendo publicado ou citado, isso abre a porta para manipular os indicadores – dividir um artigo em três; dar preferência a projetos de

curto prazo, em detrimento de projetos de duração mais longa; aprender como escrever para agradar os editores das revistas, sem correr riscos; e combinar com os amigos citações cruzadas – eu cito você, você me cita, e nós dois subimos nos rankings.”

3. Cientistas falastrões, exageros garantidos, limites deliberadamente ignorados

Cabe aqui um toque de humildade necessária aos cientistas, condição *sine qua non* para uma interação de qualidade e proveito com o jornalismo. Para tanto, vale reproduzir o conselho de Jean-Marc Lévy-Leblond. De 1980 a 2002, Leblond lecionou nos departamentos de Física, Filosofia e Comunicação da Universidade de Nice, realizando pesquisas em física teórica, matemática e epistemologia:

*“Nós cientistas, não somos basicamente diferentes do público, **salvo no campo bem delimitado da nossa especialização**. Diante de problemas como a manipulação genética ou a clonagem, por exemplo, sinto-me na mesma posição do leigo. Mesmo no campo da energia nuclear, se por um lado minha competência, na condição de físico, me permite obviamente avaliar os perigos da radioatividade, por outro, ela não lança nenhuma luz sobre os riscos que as usinas nucleares acarretam – que têm mais a ver com um sistema de tubulações e de concreto do que com a estrutura do núcleo atômico. Devemos **abandonar essa representação equivocada da realidade**, legado da divisão que se fazia, no século XIX, entre os **cientistas, detentores de um conhecimento geral e universal**, e o público **ignorante e indiferenciado** ao qual era preciso **transmitir conhecimento**. **Está mais do que na hora de nós, cientistas, mostrarmos um pouco mais de modéstia e admitirmos que nosso conhecimento é na realidade muito limitado.**”²*

Os efeitos da arrogância e exibicionismo foram assim catalogados por Ben Goldacre (que as batizou de as três famílias de paródias científicas):

- a. matérias excêntricas (*wacky*)
- b. matérias para meter medo (*scare*)
- c. matérias sobre avanços retumbantes, gloriosos e para já (*breakthroughs*)

Comunicação acadêmica

“agendismo” – equiparar agenda e reportagem como se tivessem o mesmo peso

“atismo” – tendência a gerar atas e não reportagens

coluna social acadêmica

pavor do contraditório

contraditório de baixo nível

tom ufanista

Referências

MASSARANI, Luisa, **MOREIRA**, Ildeu de Castro e **BRITO** Fatima. *Ciência e Público - caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002

SCHWARTZMAN, Simon. “Publicar ou morrer”. No blog de Simon Schwartzman:

<http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=4777&lang=pt-br>

VOGT, Carlos (org.). *Cultura científica: desafios*. São Paulo: Edusp. 2006

² “Cultura científica: impossível e necessária”, in *Cultura científica: desafios*. pp 28-43